

F local

Os Casamentos

em



N i s a

392

RAP

COTA 392 / R. 88
NÚCLEO F. L.
REGISTO 00073
BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE FISA

O Casamentos em

Fisa



(2.ª Edição, corrigida e aumentada)

Alf. Gomes

Os Casamentos em Nisa

INTROITO

NISA



São antigos, muito antigos mesmo, os costumes venerandos do bom povo de Nisa.

Por isso, têm os filhos desta terra linda direito justificado, à nossa admiração. Vivem como uma grande família: e auxiliam-se mutuamente, tanto na vida como na morte, tanto na alegria como na dor. Os próprios lares são o seu verdadeiro e fiel espelho da alma. Eles reflectem a maneira de ser íntima dos nissenses, não só pela esmerada limpeza das lareiras típicas alentejanas, como pelas alcovas de bragaís alvissimos. Em tudo, até nos mais secundários e mínimos pormenores, se observa, se palpa, se transpira amor e pureza, num conjunto encantador.

Aqui, os «amarelos», friso característico das cozinhas, onde os «candieiros de três bicos», o granl, os tachos do arroz doce, as caldeirinhas minúsculas, parecem entoar uma estranha sinfonia mágica de instrumentos de ouro.

Além, o «chafariz dos cántaros», com os asados de barro, fo-

dos pedradinhos a preceito, pelas mãos delicadas de ignorados artistas que na penumbra das olarias os modelam, girando a «roda» da argila, enquanto lhes vai durando a «argila» da vida.

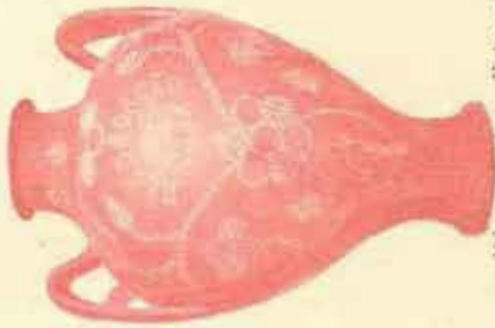
Depois, a «estante», a cantareira da louça, de pratos e travessas coloridas de raízes e flores policromas, com reproduções ingénuas de paisagens exóticas e curtos prologos de boa filosofia popular.

E, o coroar tudo isto como grinalda de encanto, o grupinho cândido das crianças, ingenuamente a brincarem pelos portais; róseos botões florindo para o grande sonho da vida, que é afinal, a mais bela, a mais saudável, a mais pertunada de todas as flores da alma.

Elas passam dias inteiros, vagamente perdidas nestas distrações mansas. Vestidinhos vistosos, cabeças irrequistas, olhos vivos e ternos, são verdadeiras borboletas humanas, com o capricho e o garbo dessas outras borboletas fantásticas, que são os laços variegados das suas tranças de meninas.

Os rapazes, esses, já com assomos de homens miniatuiais, futuros heróis, na luta permanentemente épica de e imundos são raríssimos, contraste perfeito com o que, por vezes, se observa noutros povoados.

Mas a merecida referência especial, reservamo-la para as donzelas. Na valsa estonteante da juventude e das ilusões cor de rosa, amam e sofrem; gosam o perfume dessas ilusões e saboreiam, por ve-



zes, o fei dos enganos. Desenvoltas, airozas, elegantes têm o seu quê de «biscuit», de vagas figurinhas de balada.

Em domingos de sol ou dias de nevoados, enchem de alegria exuberante as ruas da vila, formosas de corpo e formosas de alma, numa grande revoadada de vida. E os rapazes casadoiros completam o quadro, com as suas indimentáveis, impecáveis de asselo, com o seu apuro, numa parada de vigor e esperança, de esperança (quem sabe?) nuns olhos verdes. . .

E, enfim, os próprios homens dos labores rurais; as próprias mulheres de sua casa — o lar é em Nisa uma



idolatria — os próprios velinhos, heróis de ontem e vagas sombras de amanhã, completam este equilíbrio social, tão invejado — e com razão — pelas metrópoles cosmopolitas, onde sempre pululam os vermes do mal.

Pelos bancos do jardim, em domínios doirados não incomparável sol pennisular, brincam as crianças, sismam os velhos.

Aqueles só vêem luz e chama vivida, estes só vislumbram cinza e pó. . .

E, entretanto, neste ritmo constante, últimos compassos de uma última valsa, como é bom envelhecer!

Ficam distantes os labores e a mocidade, vai longe, a perder-se na bruma das recordações antigas, esse radioso dia do nevoado; ouvem-se a distância os primei-



ros vagiados do primeiro filho; repercutem-se, no imaginar, festivos te-
piques de peregrino encanto.



Ou então, por in-
venias bravas, as in-
clemências das fã-
das que lhes temp-
ram a alma e lhes en-
rigaram as faces, que
lhes modelaram o ca-
racter,
E foi num dia des-
tes, talvez, que a mor-
te lhes arrebatou os
pais, ou a mulher, ou
um filho!

Mas, consciências
serenas de deveres cumpridos, eles compõem, assim, as peças herál-
dicas dos seus braços; enquanto além, pela estrada negra de asfalto,
outros heróis, os seus descendentes, seguem ovantes, na senda lumi-
nosa do trabalho.

O leitor já os
tem visto, de certo,
Mansamente cai
a tarde, e, mansa-
mente eles voltam
das fidas duras da
vida, carretas chei-
as, na lentidão des-
ses colossos do ar-
do que, no dizer
do poeta são «Le-
ões, com corações
de passarinhos».



Alguns, menos
colados na corte
as sacas da carga, as mulheres e os filhos, na indolência do cansaço
exortante, na indolência do próprio dia que morre!

Sentadas sobre
Sentadas sobre

E cabrinhas mansas ou ovelhas fartas, muitas vezes ladeadas por
«respeitabilíssimos» cães de gado, completam o quadro destas misti-
cas esculturais vivas.

Assim, neste ritmo constante,
últimos compassos duma última
valsa, como é bom envelhecer!

.....

Digno povo de Nisa!
Eu te bendigo.

E que no volver dos dias, no
correr dos meses, no voar dos
anos, tu tenhas sempre a benção
de Deus!

A TABERNA
De Deus: e de Nossa Senhora
da Graça que, lá do alto, na ermidinha antiga, toda branca, branca
de luar, eternamente te proteje e eternamente vela por ti!



Ermida de Nossa Senhora da Graça

OS CASAMENTOS

Desde os mais recuados tempos da humanidade, a natural tendência dos sentimentos entre as pessoas traduz-se na união, espiritual e terrena, para uma vida comum; vida que é tantas vezes amarga e tantas vezes um misto de ternuras e afectos, turbilhão de sentimentos que acompanham o homem desde o berço, o seguem em toda a existência, e ainda o dominam além do túmulo. «Os mortos mandam» é uma expressão da mais evidente verdade que o grande teorema da prática se encarrega de demonstrar a cada momento.

Assim, nem talvez mesmo depois do caos, da destruição total, se há-de extinguir o sentimento do amor entre o homem e a mulher.

É que esse liame tenaz é embrião que renasce, até das próprias cinzas, tal como a «Fenix» da lenda.

Enquanto o mundo for mundo, enquanto existirem dois corações, entoa-se-ha a mesma harmonia, tanto em melodias suaves, como no bater descompassado de descompassadas paixões.

Homem; mulher! Dois termos do mesmo fim; duas cordas da mesma lira.

É por isso que o povo diz:

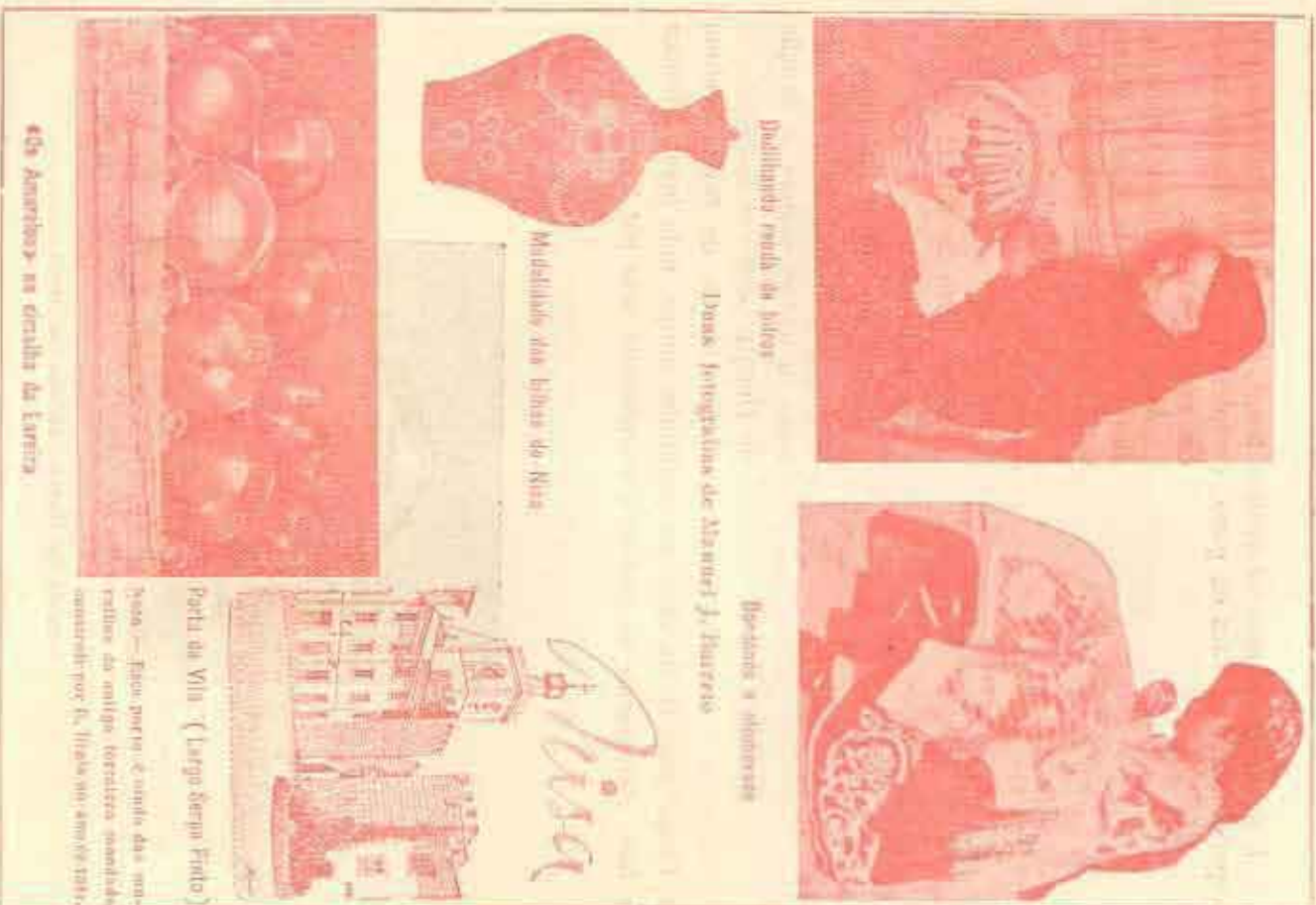
*«Eu amante, tu amante,
qual de nós será mais firme?
Eu, como o sol, a buscar-te
Tu, como a sombra, a fugir-me.»*

E eternamente o sol nasce; e eternamente as sombras fojem!

Após um dia, outro dia. Após uma aurora, um poente!

Mistério de que o próprio homem se interroga, sem que até hoje; sem que até à consumação dos séculos, encontre a explicação total, para a sua insatisfeita necessidade de amar!

Este «bicho da terra vil e tão pequeno», como disse o grande Luis de Camões, tem em si um infinito de sentimentos ardentes, cuja chama o abraza na sua passagem terrena: e que ele não aliena, não apaga, nem domina.



Uns, são felizes, e vivem no mais dourado esplendor.
Outros, bebem o amargo veneno duma vida sem sol.

Mas, sempre, e sempre, numa esperança de amar; sempre, e sempre, na mesma incôntida batalha do coração.

Afonso Lopes Vieira escreveu: «O amor não tem fim porque o amor ama o amor!»

E quantos amores, sofrendo em silêncio, não vão mesmo até habitar as ângulas moradas da necrópole, na batalha surda dos vermes, no sinistro ranhar dos ciprestes!

Leio sempre com deslumbrada emoção os tercetos famosos de Eugênio de Castro:

«A morte me beijou, sendo eu tão nova!

— Cantinhante, que passas divagando,

distraído entre as divas sepulturas,

desfolha algumas flores na minha cova!

Es o novo, talvez, que eu estive esperando,

talvez eu seja a noiva que procuras!»

Eis, pois, a grande regra geral da humanidade, regra sem excepções, porque nunca nasceu um homem sem coração, meando que seja de «pedra»

Por tal, nos vamos ocupar dos casamentos em Nisa, este burguês e português sabe viver.

O assunto já tem sido dado a lume por outros autores; mas a verdade é que, à luz da observação, nem sempre se podem fixar todas as imagens. Cada cabeça sua sentença; cada cristalino sua visão.

Sem, de modo algum, desejar occultar o mérito desses trabalhos, vou reconstituir o curioso pormenor de certos quadros de típico sabor local, tais como eles se me imprimiram na retina e — porque não confessá-lo — nos meus próprios sentimentos de português.

Como tudo, neste rolando planeta que habitamos, o casamento tem antecedentes e tem consequentes; fenómeno da complexa química

sentimental, ele tuba, necessariamente, de apresentar as suas causas e os seus efeitos.

Um acaso, um encontro; uns olhos que se fixam e se prendem; a eternidade de um instante; o infinito d'um sentimento. E aí está o namoro, como aquelas heras que se enlaçam nas ramarias; e morrem com ellas.

A principio, é um segredo profundo que só dois conhecem. Depois Depois, o amor é cego, e não vê!

Não vê que o mundo o descobre; o diz, o conta, e o propala!

Oh! E quanto sofrimento para os corações, ainda no vácuo do amor!

Bhac rimou assim a tristeza das tristes:

*«Namorados que andais com a boca transbordando
de beijos, perturbando o campo sassegado*

e o casto coração das flores infamando,

— Pedade! ellas vêm tudo entre as molhas escuras

Piedade! Esse impudor ofende o olhar gelato

das que vivem sóz, das que morrem puras.»

Enfim! O mundo sabe. E aí temos os pais a darem «o sim», a confirmarem, a consentirem.

Tudo, nesta simplicidade harmónica e tradicional do bom povo da «planície ardente», do povo alentejano.

Convites e Participações — Overtas (Serviço)

Auxílio Mútuo

Concordes no casamento, as famílias reúnem-se para fixar a data de realisação, discutirem quais as pessoas que devem ser convidadas, escolherem as «testemunhas» ou padrinhos (como imprpropriamente é de uso chamar-lhes), calcularem, aproximadamente, as receitas, com-

putarem as despesas removerem, enfim, todas as dificuldades e tudo combinarem, de forma a proporcionar as maiores facilidades à constituição do novo lar.

Oito dias antes do auspicioso enlace, as famílias dos nubentes nomeiam, cada qual, uma comissão chefiada pelos compadres, que assumem o encargo de, 'oficialmente', convidar — parentes, amigos, pessoas de maiores relações e outras ainda cujos nomes já haviam sido lembrados, e chegam a atingir, por vezes, algumas centenas.

Dois dias antes, e feitos os convites e participações, começam a affuir as prendas.

As prendas, e tudo que vai chegando, e é oferecido pelas pessoas convidadas, se dá o nome, já em Nisa consagrado, de — *Serviço* — e que dá aos ofertantes o direito de tomar parte nas festas.

A título elucidiativo, abramos um parêntesis:

— *Serviço* — É a denominação genérica dada às ofertas, justificando-se pelo facto de todas as pessoas que prestarem *serviços* durante as festas da boda, terem direito a tomar parte nas mesmas. No entanto, as que se limitam a oferecer, ficam no mesmo plano e são, logicamente, equiparadas às primeiras.

Uma parte das ofertas é constituída por peças de roupa, com lindos e mimosos bordados que apellidos de — *Alinhavados* — e têm, na parte inferior, papel de seda cõr de rosa ou amarelo-ouro, para fazer realçar o effecto do trabalho.

Agora, mais outro parêntesis:

— *Alinhavados* — Segundo me informaram pessoas idosas, é nome que deriva e tem a sua origem, no facto de, antigamente, se faziam os bordados empregando a linha de *alinhavar*, sobre pano de linho a que se tira determinado numero de fios. Actualmente, utilizam linhas de tipos diversos mas, o nome tradicional mantém-se.

A enriquecer e aumentar o numero das prendas, são também oferecidos outros artigos de utilidade, cereais, legumes, vinhos, garrafas de licor, objectos de ouro e prata, etc. E, o que sempre acontece nas vésperas ou na manhã do próprio dia do suspirado enlace, as peças de gado que, em determinadas bodas, especialmente de lavradores, totalizam centenas de cabeças; às vezes, até vitelos.

As prendas recebidas e, em especial, os objectos de arte e bor-

dados, são expostos sobre mesas colocadas, para tal fim, em casa dos noivos, onde são admirados, enquanto duram as festas.

Os portadores das ofertas são mimoscados com um ou dois copos de vinho ou com gorjetas, se são homens; as mulheres, são também contempladas com bolos e um copinho de licor.

A ms e outros, é facultada, geralmente, a visita às dependências do novo lar, já devidamente mobiladas e adornadas.

Porém, o que mais desperta a curiosidade, é ver o quarto dos noivos e, em especial, a sua cama, por ser feita com esmero especial: — sobre o colchão de forma, quanto possível, abaulada, os lençóis, mantas e a colcha quase sempre, de seda adamascada. A dobra do lençol, onde está o bordado, é disposta com acerto e de maneira que de o maior realce possível ao *alinhavado*. O travessete e almofadões, são também bordados a *alinhavado* e formam um conjunto mimoso e agradável. Várias peças de mobiliário apropriado, adornos e flores alindam e animam o citado aposento.

Geralmente — o que é digno de nota — os nubentes, enquanto duram as festas nupciais, utilizam um leito feito de improviso, noutra aposento, para que o tilamo conjugal possa continuar a ser admirado pelos visitantes.

Vem ainda a propósito, e é interessante citar, que há uma pessoa encarregada de receber e anotar as ofertas e, essa pessoa, ou é da família dos noivos, ou, no seu impedimento, um homem já habituado nesse serviço que, de lápis na orelha e linguadões de papel na mão, atende, solicitado, os que vão chegando com ofertas. Esta pessoa, com ares de importância, aceita a prenda, transmite os agradecimentos em nome dos interessados, tira o lápis da orelha, molha a ponta do mesmo uma e mais vezes, enquanto vai fazendo, mentalmente, o cálculo do valor da prenda e apressa-se a tomar nota, nas respectivas tiras de papel, do seu valor e do nome do ofertante; voltando a colocar o lápis na primitiva posição.

Se a oferta foi valiosa, pisca o olho para a assistência nestas ocasiões numerosa, e diz qualquer coisa engraçada a propósito, e que faz parte do seu vasto repertório e das muitas e velhas graças já por todos conhecidas, mas que não deixam sempre de causar agrado e provocar o riso. Se, porém, a oferta foi de valor diminuto e feita por

person de razoáveis haveres, então, esse homem, faz crítica a propósito; e, além das suas palavras mordazes, os seus gestos são grotescos e, não raro, deixa cair as listas das anotações, molha, sem necessidade alguma, e vezes sem conto, a ponta do lápis, e a corar tudo isto, ouvem-se as gargalhadas desconcertantes do auditório, alegre atmosfera, que se mantém até final do *serviço*.

E agora, rogando vênia, seria imperdoável deixar de referir-me — de forma embora fugaz — a uma acção de notável benevolência clandestina, para que soffrto a melhor e mais ponderada atenção.

E' esta uma das partes mais características dos «Casamentos em Nisa»; e sem que até hoje, que me conste, alguém já a tenha focado convenientemente.

Estamos em presença de uma autêntica instituição de «Auxílio Mútuo» como muito bem foi classificada pelo meu amigo Manuel J. Barreto, que para este caso me chamou a atenção.

Classificação perfeita, sem dúvida, porque nela se espelham características colectivas, do melhor quilate.

Guardadas as devidas proporções, é, afinal, uma prática viva dos preceitos do Evangelho.

Que grande lição a este ferroz egoísmo dos nossos dias, cavalgada louca de interesses incontritos que, a não serem retrçados na carreira, levirão a humanidade ao abismo. Abismo que será a negação dos rasgados exemplos dos nossos maiores e perda total do *homo moralis*, em benefício desse negregado *homo economicus* que certas rajadas sociais desejam, miseravelmente, impor ao mundo.

A receita obtida pelas já citadas ofertas — *serviças* — chega na pior das hipóteses, para as despesas realizadas. Porém, regra geral, essa receita soma avultada quantia que, não só cobre as despesas feitas e a fazer durante a tradicional lua de mel, mas, por vezes, é ainda sufficiente para a construção de uma casa, a futura residência dos recém-casados.

As listas em apreço são, religiosamente, guardadas pelo novo casal e constituem um elo dessa cadeia, sem número determinado, que, no conjunto, forma o todo da «Associação de Auxílio Mútuo».

Todos os lares, anteriormente constituídos, são outros elos dessa mesma cadeia, visto que todos guardam as suas listas, e, assim temos

de adiantar fundada esta benemerita instituição, sem que intervenham entidades officiaes, sem estatutos ou regulamentos, a estabelecer direitos e deveres, por se tornarem absolutamente dispensáveis.

Ponderemos como se exerce a sua acção e como ella contribui, effuzamente, para as uniões licitas e honestas, abençoadas pelo santo laço do matrimonio; uniões legais, gérmen de novos lares, honrados, limpidos, cheios de alegria, onde impera a virtude e que vêm a ser a fonte das novas gerações que lião-de trilhar o mesmo caminho, partindo a sua vida pelas honrosas tradições da família. Os effeitos benéficos que este «Auxílio Mútuo» produz, são conduzidos de forma bem simples:

Quando um novo lar se vai constituir, e faz os seus convites e participações, todas as pessoas convidadas se apressam a examinar as suas respectivas listas, cuidadosamente guardadas, e, uma vez encontrados nelas os nomes dos participantes ou dos seus pais, avultam-se, em conjunto, as prendas que deles receberem e reconhecem que, em-hora luando com difficuldades, sobre elles impera a santa obrigação moral, de, por sua vez, lhes retribuirem com prendas ou dinheiro, em valor nunca inferior ao recebido.

Assim, cada casalhinho de noivos recebeu, de todos os convidados, dinheiro ou valores, cujo montante é sempre mais ou menos avultado e que os colloca a salvo de possíveis difficuldades domésticas, no inicio da sua vida de casados.

Tudo isto, porém, é, em certo modo, uma espécie de legado de que ficam sendo feitos depositários e que pela vida fora, têm de restituir, preceladamente, aos que, por sua vez, se forem casando.

Deste modo, em pura realidade, os que oferecem prendas, esforçam-se para que sejam do maior valor possível (como é lógico) pois chegará a sua vez, e o dia, em que elles serão generosamente recompensados.

No entanto, os que recebem e têm de restituir, ficam sempre mais ou menos favorecidos, pois nunca dão tanto como receberam, o que se explica pelo facto de nem todos se casarem ou terem filhos para casar.

Eis aqui registada, com prazer, esta modalidade dos casamentos em Nisa, que faz a honra e o orgulho deste bom e generoso povo

que podemos apresentar como exemplar e digno de ser imitado pelos habitantes de outras localidades.

Se assim fosse, muito lucraria a sociedade, não só sob o ponto de vista material, o que é evidente, mas ainda no campo ético, pois tal modalidade de «Auxílio Mútuo» produz efeitos moralizadores, como já se demonstrou.

E, como termo final desta teoria linda, simbolo de ancestrais sentimentos de socorro pecuniário e afectivo: As casas construídas com a cooperação do «Auxílio Mútuo», segundo conseguí apurar nas repartições competentes, dão-nos por ano uma média de 15 a 20 moradias, o que é bem apreciável e importante, merecendo, consequentemente, o nosso maior apreço.

O Casamento

No dia do enlace matrimonial, o noivo, acompanhado dos padrinhos, família e amigos de maior intimidade, quase sempre reunidos à sua porta, sai de casa, por volta das 16 horas e dirige-se, com a sua comitiva, à residência da noiva. Aqui os preparativos e o seu acompanhamento escolhido, ela encontra-se impecavelmente preparada para o acto nupcial.



UM CASAMENTO - MINHA ESPOSA

Trocem-se saudações e cumprimentos reciprocos, dizem-se graças e agradecimentos, dão-se palmadinhas amigáveis nas costas do noivo e, lindas estas delicadas atenções, as duas comitivas, agora mais animadas e visuosas, pela presença das senhoras e *donzellas*, dirigem-se pa-

a igreja, onde o acto vai realizar-se, seguindo na vanguarda o séquito da noiva. Durante a celebração do casamento e no regresso, nada se passa digno de anotação; frisarei apenas que, das janelas das residências de pessoas amigas, por onde passa o cortejo, são lançadas sob o noivo, pétalas de flores e, por vezes, grão de trigo, como presénça de bom agouro e simbolizando votos e preces de fartura e prosperidades para o novo casal.

Indumentária dos Noivos

O traje, na sua multiseccular evolução, tem accusado das mais radicais transformações, que nem sempre — felizmente — podemos definir como boas e, em certos casos, até como convenientes. O facto revela razões e factores de índole muito diversa, desde a natureza dos trabalhos, até ao fim económico, sem incluir já os caprichos da moda, no geral frívola, inconsistente e, tantas vezes, ridícula.

Elemento indispensável à saúde do corpo e à saúde do espirito, o vestuário tem sido estudado através da História por eminentes investigadores. Mas, matéria mais que vasta, podem-se multiplicar as brigadas dos sábios, que nem por isso o assunto se exgota.

E' que, a par do equilíbrio, surge a lógica; e, a par da regra, a mais inestrincavel rede de excepções.

Resultado da conveniência, do gosto ou da improvisação comercial, o traje na respectiva história, envolve e redonda numa verdadeira crónica da Humanidade, crónica que está por fazer e nunca se completará, porque o homem definido não mais alcança esse abismo insondavel.

Assim, tinha de ser. Nada, neste mundo, é eterno. Tudo evoluciona, tudo se transforma e tudo acaba. O grande mestre e audaz cultor da lingua portuguesa, que foi António Vieira, traduz sintética e sabiamente este conceito, num dos seus maravilhosos sermões.

Ora o traje não podia fugir a esta lei de fatalismo. O que fica e ficará sempre é a alma humana: umas vezes, a justificar o vestuário; e, outras, este a definir aquella.

E' de todos os dias a possível catalogação dos espiritos, por au-

sença de «espírito»; e, quantas vezes, por uma quase ausência de fato...»

Há vestidos custosos, prodigalidades de fábula, a ostentarem miséria. E há simples vestidos de chita que são música harmoniosa, sinfonia perene de corações de ouro.

E, eis tudo! Mas, entretanto, não podemos deixar de focar um outro aspecto deste lado social, que em nada abona a lógica dos tempos.

Reportamo-nos à verdadeira deformação dos elementos tradicionais que uma onda impetuosa de modernismo sordido desejou pôr em prática, em desregrada uniformização. Assim mesmo, raro será hoje o lugar, aldeia, ou vila, onde ridiculamente, se não tenda para o uso do traje cidadão, sem equilíbrio, sem harmonia, sem inteligência. E, num magnavelismo irritante, a fatal consequência deste caos apresenta aos olhos do observador, a locubração do filósofo, as conclusões do sociólogo, os mais variados quadros do ridículo, os mais expressivas «águas fortes» de perturbação colectiva e — dignos mesmo — em muitos casos, de desgraça irremediável. A lusa plebe gasta nestas estultas competições de vaidade, o que devia dispendir em pão. A aristocracia, a aristocracia da educação e do trabalho, dos bons princípios, fina por origem, gentil por habito, impeccável de termos, de attitudes e de modos, essa, procura na modestia do traje o respectivo selo de origem, o seu completo, total bilhete de identidade.

Mas, não desesperemos. As entidades competentes estão — muito louvavelmente — a restaurar a tradição; a meter na ordem o que era anarquizar; a substituir, num alôr de misericórdia, o que é estúpido e ridiculo, pelo que é tradicional, herança sagrada dos nossos maiores, que temos de respeitar e seguir, para, intacta e sem mancha, a legarmos aos nossos vindouros. E a vitória há-de chegar!

Orá, sob este aspecto, os casamentos em Nisa perderam, também, uma das suas modalidades mais típicas e aparatosas.

O traje antigo, pomposo e brilhante das nisesens, com suas lindas saias rodadas, e bordadas a primor, suas blusas com rendas, seus bordados caprichosos e atacadores, onde as jóias — principalmente os cordões de ouro — brilhavam e se multiplicavam em excessiva abundância e que davam ao acto um especial requinte de beleza bem re-

gional, já hoje não existe e foi banido por completo. De igual forma, o noivo pos de parte o autêntico traje alentejano, com características locais, onde realçava a berrante cinta vermelha.

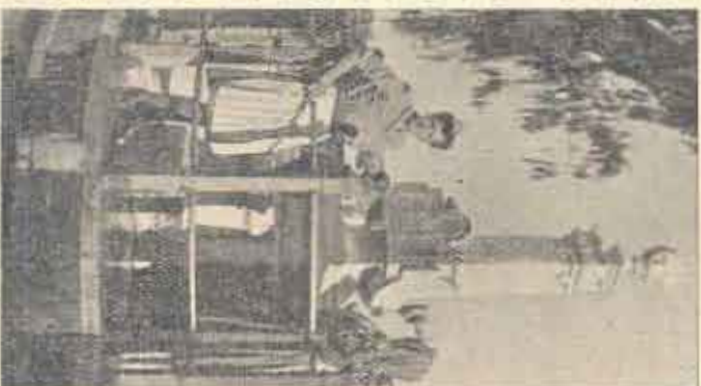
Presentemente, limitam-se os noivos a uma indumentária nova e domingueira. A noiva apresenta-se de vestido branco e de véu, costume que também vai rareando.

Assim passam as coisas do mundo!

O Copo de Água

Neste capítulo, é que há uma pequenina nota um tanto discordante, a que não devo deixar de aludir, por ser parte integrante da maioria de «Os Casamentos em Nisa»:

Após a entrada dos noivos, padrinhos e família, na casa que lhes vai servir de residência e para onde seguia o cortejo, observa-se, entre os convidados, e não convidados, mas que estão sempre presentes, uma azáfama aturada e renhida, disputando a prioridade de entrada, fracamente fiscalizada, com a firme e resoluta intervenção de flores, pratos e travessas que abarrotam de bolos e diversos apetitivos, onde não faltam, também, os animadores vinhos e licores.



AGUIA DA FONTE

(que se não sabe nos «Coppa de Água»)

tensão de irem ocupar os lugares das primeiras lhas, em volta das mesas, infiltrando-se, por todas as formas, mais ou menos violentas, afim de poderem tomar boa dose dos saborosos bolos e apetecidas bebidas, locupletando-se, fartamente, para com pensar a «estragem» sofrida pela raridade destas boas ocasiões e desafiadas oportunidades.

Geralmente, há duas ou mais mesas em dependências diferentes, todas elas bem ornamentadas com flores, pratos e travessas que abarrotam de bolos e diversos apetitivos, onde não faltam, também, os animadores vinhos e licores.

Na mesa principal, onde presidem os noivos e que se destina, exclusivamente, às famílias deles, padrinhos e às pessoas de maior intimidade, embora isso nem sempre se possa observar, nota-se um seleccionado, aprimorado e bem escolhido sortido de docerias finas, leões, vinhos, generosos e espumantes. Ali há ordem, há alegria, há sucessivos brindes, ouvem-se os 'Vivas', há abraços, parabéns e os votos de crescentes prosperidades repetem-se, sendo tudo isto intercalado e bem regado, com bebidas que dão a todos inspirações festivas e vão produzindo efeitos de esbafante alegria.

Nas outras mesas, porém, é tudo muito diferente: uma batalha formidável! Os que conseguiram colocar-se à frente, pela prática em tais assultos, gritam-se, rijamente, à volta das mesas; e ninguém dali os arranca, a não ser quando lhes faltem provisões! Estes práticos, porém, embora sófregos e insaciáveis, vão distribuindo, com arte de superioridade, a um ou outro amigo mais afastado, algumas das iguarias e bebidas, mostrando, assim, a sua generosidade, por conta alheia, para com os vencidos, menos atrevidos ou afortunados, mas com certa parentonia das especialidades, mais de seu agrado. Contudo, é caso para dizer:

No 'peru' ótimo, assado,

não podes tu meter dente.

Mas de arroz doce, excelente,

ficarás empanturrado . . .

Nos da segunda linha, há também alguns com treino suficiente, dotados de uma agilidade rara, que faz pasmar quem esteja observando a cena. Basta-lhes uma pequena brecha ou minguada abertura entre os braços dos da primeira linha, para eles fazerem, rapidamente, colheita abundante e eficaz.

Por fim, começa a debandada. Cá fora, o tocador da concertina, depois de ter sido bem contemplado com vinho e bolos, espera-os pacientemente; e, quando em sua volta o número de convidados já é avultado, faz ouvir os primeiros acordes do harmonioso instrumento. Depois, a marcha segue para dar as tradicionais voltas às ruas da localidade.

Parece, como seria óbvio, que este movimentado passeio se des-

tinaria a facilitar a digestão, depois de se terem saciado com bolos e bebidas; puro engano. Seria errôneo pensar assim!

Essa comitiva, com sua excitante música, com seus monótonos cantos, espalhando ruidosa alegria, vai tendo, de vez em quando, os seus compassos de espera em diversas tabernas, onde se ingurgitam mais alguns copos de vinho; e a marcha segue, sempre ordeira, mas crescendo em movimentada alegria.

As raparigas, mais moderadas e serenas, mais calmas e prudentes, vão saindo e, formando lindos conjuntos de 4, 5 ou 6, com seus risinhos semblantes, esbeltas, porte aroso e distinto, cheias de graça e alegria, ostentando, ao pulo vários cordões de ouro, enchem as ruas de lés a lés e, com a sua sedução, espalham e semeiam a graça festiva de que estão possuídas.

Estas festas de noivado, tem duração de dois, três ou mais dias, segundo as posses financeiras das famílias dos noivos e são, na maioria dos casos, assim distribuídas:

Festa e jantar em casa da família da noiva; festa e jantar em casa da família do noivo; no terceiro dia realiza-se o jantar em comum. Desta maneira, se dão as festas por terminadas.

Seja-me permitido fazer uma súplica, rogando a Deus que abençoe e cumule das maiores graças todos os cônjuges de Nisa, para que possam continuar a manter tradições tão honrosas, que só sublimam, engrandecem e dignificam.

Matança — Cozinhados — Refeições aos Convidados

(*Quintal da Festa*)

Ao fundo da vila de Nisa, próximo da Fonte Nova, deparamos com um enorme quintalão que, certamente, foi construído e destinado para albergue de gados diversos, pois é dotado de mangedouras e de um vasto alpendre. Geralmente, é este o recinto escolhido e já apropriado para a matança do gado e para preparar e cosinhar as duas refeições que vão servir-se aos convidados.

Na vesperta, ou mais frequentemente, na manhã do próprio dia da boda, chegam a este local algumas carruagens de lenha, comprada ou oferecida: um carro, puxado a bois, traz a pipa da água, que vai a encher quantas vezes for necessário, e ainda, um outro carro traz uma pipa cheia do precioso — néctar — para honrar o deus Baccho e cujo conteúdo é fartamente distribuído por todos quantos ali trabalham e comem.

E assim, com propriedade, podemos citar os versos do grande Elmano:

** Amor, O! Baco,
Tem por costume
juntar sei lume
com teu ardor.*

*Ambos se adorem
com ignidade;
lenha a vontade
mais de um senhor!*

*Baco triunfe,
triunfe o amor!*



Uma das Fases da malagga

Junto ao alpendre dá-se inicio à lufa-lufa da manança e, num abrir e fechar de olhos, surgem os magareles que procedem a esse serviço, encaregando-se outros de apanhar e segurar as reses para serem abatidas, e, ainda outros, lhes tiram a buchada e miudezas que as mulheres colocam em grandes alguidares. Metódica e ordenadamente, vão sendo penduradas as reses em grossas escarpulas, cravadas nas paredes do muro e em pregos fixos nos batentes do alpendre, vendo-se já ali auxiliares adestrados, com cutelos e facas bem afiadas, que se encarregam de as irrem cortando em pedaços.

As mulheres, reunidas em grupos, exercem funções diferentes: — A umas, é dado cortar as cebolas às rodélas e miçar salsa, juntando tudo em tabuleiros onde lhes adicionam sal, boa dose de pimenta e pimentão; a outras, compete distribuir pelos alguidares, que transportam os miudos, já devidamente migados, o sangue das reses abati-

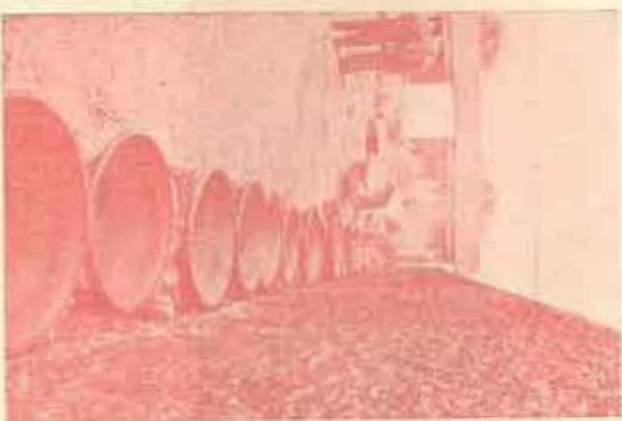
das, que elas recolheram, para se fazer o tradicional — *Sarapatel* — único prato servido ao almoço; outras ainda, encarregam-se de miçar a carne para o — ensopado ou *afogado*, como também usam dizer — que é o prato forte do jantar.

Toda esta azáfama, todo este labor, é fortemente activado com repetidas rodadas de copos de vinho que são distribuídos por um ou mais homens, tanto aos que trabalham como aos convidados e amigos, que sentem prazer em estar presentes nesta movimentada parte da festa.

Em numerosas tornalhas, junto às paredes do quintalão, crepitam lumes, e neles se colocam as caroulas — cinco, dez e até mais de cinquenta, conforme os casos — cheias do apetitoso — *Sarapatel* — para a primeira refeição. Tudo vai sendo mexido, sem cessar, utilizando-se grandes colheres de pau e, mais ainda, esgalhos de lenha que estejam mais à mão e melhor se adaptem à esse fim.

Não tarda muito que o — *sarapatel* — entre em fervura. Cerca das onze horas, as mulheres assumem sobre si a tarefa de cortar o pão em delgadas fatias que colocam nas vasilhas onde o — *Sarapatel* — vai ser deitado. Uma parte deste segue para as residências das pessoas que têm direito a essa refeição; uma outra, é servida no almoço dos convidados presentes; a restante, destina-se à rapaziada pobre que aqui ao local com pratos, terrinas, latas ou malgas.

O almoço das pessoas presentes, vai começar: — Para tanto, são improvisadas mesas, com tabuás, colocadas sobre caixotes ou em escadas dispostas horizontalmente, sobre pedras,



As Escarpulas

toros de madeira ou o que haja mais a mão e possa servir para o intento.

De um e outro lado dessas improvisadas mesas, tomam lugar os convidatos em bancos arranjados de ocasião; junto delles, as colheiras de que foram muntidos. Geralmente, comem quatro ou seis pessoas da mesma malga, — espécie de saladeira de cor amarela, de barro vidrado.



FESTA DO QUINTAL

Capoteas onde já se vê sendo servido o suspiado

Um das grujas de sorvidores, almoçada

E' meio dia! . . .

A festa do almoço, attingiu o seu apogeu! . . .

Aqui e além, reclamam a presença do distribuidor do vinho ou da mulher que reforça as brechias do *sarrapatel*; ouvem-se cânticos; e chalacões, a propósito; o grande — quintalão — parece um formigueiro de gente e nele dominam, ao centro, os dois carros com as pipas de água e do vinho. Das fornalhas sai calor e fumo; entrechecam-se, aglomeram-se, acotovellam-se, os que chegam com os que saem, todos no intento de comer ou levar comida; surgem fotógrafos amadores que, à porfia, se obstinam a *bater* chapas.

O vinho, esse companheiro inseparável das folhas, já desempenhou grande parte da sua acção no transbordar da alegria e, ali-guns, já fartos, começam a sair dos seus lugares, tentando fazer uns ensaios de dança afandanga-da.

Entre as pessoas presentes, há sempre alguém que se salienta mais, e, nesses casos está um sapateiro por officio, músico nas horas vagas, excelente pessoa, estimadissimo por todos, o qual atira sobre si as vistas dos outros convivas, já pela sua apresentação alegre e folgazã, já pelas graças ditas a tempo e a propósito, já e ainda, pela sua movimentada actividade — transportando peças de carne, mexendo uma ou outra caçoula, onde a comida ferve, quer aticando o lume desta ou daquela fornalha, dando palmadinhas amigáveis aos presentes, saudando ruidosamente os amigos que chegam; numa palavra: é o grande — direi mesmo — o indispensável e eximio fomentador do riso, da alegria, em festas desta natureza, é ele, incontestavelmente, só por si, *meia festa!*



Este homem, só por si, é «meia festa»

dando a esquentar as cabeças. A um canto do alpendre, também se vê uma poeliga com os respectivos batoros; os quais tomam parte nas festas, locupletando-se com alguns buchos das reses abatidas, e, por isso mesmo, não faltam no local, os enfadonhos e ascorrosos insectos — as moscas — que, aos milhares, esvoaçam sem rumo e sem direcção definida, importunam as pessoas presentes, como que a querearem, teimosamente, tomar parte na refeição, chegando, muitas delas à ter sepultura no . . . *sarrapatel*.

Esta parte da festa entrou em franco declínio, e o quintalão fica só com o pessoal do serviço, que trata do ensopado para o jantar, o qual porém, dispensa relato e comentários, pois seria uma agachada repetição do que já ficou dito do almoço.

Convém ainda esclarecer que os noivos, suas familias, padrinhos e amigos mais intimos, não estão presentes nestas festas do quintal. Esses, e como já ficou dito, fazem essa parte da festa, na intimidade das respectivas familias dos noivos.

E assim, termina a «Festa do Quintal».



Bilhas de Nisa — Alinhavados — Rendas de Biro

Ponha de parte, o leitor deste trabalho, a a sua primeira impressão, e, logicamente, concluirá que não é deslocado nem alheio ao assunto principal — Casamentos em Nisa — aludir aqui a esta trindade de arte applicada das nissenses, que condiz e se harmoniza, se casa e coaduna com a doutrina exposta. Nas *bilhas*, lindas e elegantes, caprichosamente sulcadas de desenhos, de alvas e brilhantes pedrinhas, embutidas nesse barro inanimado, há qual-quer coisa que pode integrar-se como pertencendo à arte sentida, ao mimo que as operárias incarnam em si próprias.



Alinhavados

Uma alma que vibra e se transmite a esses enleites de pedras e barro; natureza morta nas bilhas, alma viva da hábil obreira nissense.

Isso mesmo o que lateja nesta poesia 'VOSANDU', do Ex.^{mo} Sr. Dr. Abel Monteiro:

Que fantasias,
garbosa oieira,
ideaisas
no teu sentir?

A «pedrar» bilhas,
oh! Felicitra!
tu teus no peito,
já a florir,
saudades de alma,
secura ardente,
que te consenem
constantemente,
na sombra fresca
da olaria. . .

Oh! Que dirão
as bilhas rimbros,
quando descobras
os teus anseios,
tua magia,
que vá ás bilhas,
no seu «pedrado»,
estranhos sorrisos
de namorada,
luzes de estrelas
sempre o fulgir?

A «pedrar» bilhas,
garbosa obreira,
que fantasias,
oh! Felicitra,
ideaisas
no teu sentir?



BILHAS DE NISA



«Pedrinhas» bilhas

A olaria é quase tão velha como a Humanidade.

O homem, que veio da terra, e à terra há-de tornar, foi colher nela os elementos estruturais da sua vida diminuída, desde o teto que o defende, no repouso e no convívio do lar, até aos mais simples artefactos da cozinha, até ao púcaro, por onde bebe a lúmia que o refresca, em fonte velha, após horas intermináveis de intenso labor.

A Bíblia fala-nos das velhas bilhas de barro oriental, das anforas dos aromas, numa vaga evocação distante que nos é, afinal, sempre próxima, sempre querida, sempre presente.

No Egipto antigo, em Babilónia, em Nínive, em Assur, os artefactos de barro eram de uso geral. E, por muitos dos seus exemplares, descobertos nas escavações científicas, se têm reconstruído muitas páginas de história. Os vasos helénicos e etruscos são célebres pela gentileza e apuro das suas ornamentações caprichosas.

Duma maneira geral, pode dizer-se que a cerâmica acompanhava a vida, desde o berço ao túmulo. Até, talvez, para além da campa, porque tudo é barro, porque tudo é pó . . .

Em Portugal, a olaria tem uma história longa, já feita; e outra história, ainda mais longa, também ainda, por fazer.

Desde os potes colossais e estáticos, domínio reconfortante e gaseoso de Baco que dá alegria ao coração do homem; até a esses amorzinhos de barro e de espírito que são as figurinhas do presepe, até às miniaturas de sonho, aos conhecidos "pucarinhos de Bizalhães", lá para os lados de Vila Real, de que fazem colares, para os rapazes oferecerem às namoradas, tudo é um mundo de utilidade, de gentileza e de sonho.

E, em Portugal, muitas outras curiosidades, neste género, se poderiam citar numa tonda de investigação e estudo, de que resultariam verdadeiras surpresas, não só para o leigo, desejoso de saber, como também para os próprios eruditos.

Barro corado, da natural tonalidade das argilas ou dos tormentos infernais do fogo, ele é tantas vezes conforto e concheço, nos lares modestos do bom povo português.

Depois, há nesta nossa olaria nacional, uma identificação completa, entre fantasias de oleiros e sentimentos de graça, de amor e de ternura.

Olhando para as *bilhas de Nisa*, tão aprimoradas, admirando os *alinhavados* de bordaduras e recortes maravilhosos, examinando essas tiras de *rendas de bilro*, onde florecem malmequeres e se descobrem ornatos bem delimitados, sente-se, nessas três modalidades de arte, a alma gentil, delicada e creadora das suas inspiradas e exímias obras.

Seria intolerável e inadmissível, deixar de ligar esta trindade a quem lhes deu, habilmente, forma e existência.

Um friso de *donzelas* de Nisa, lindas, vistosas e elegantes, exige este complemento: *Bilhas* — *Alinhavados* — *Rendas de Bilro*.

Nisa, Agosto — Dezembro 1951

Arthur Odorico da Costa Raposo



ARTHUR RAPOSO (O Autor)
separando a saída das crianças, para as fotografias